

VERBO: ESTRUTURA E FLEXÃO

Definição: o verbo indica a ação, estado, fato ou fenômeno, bem como duração, aspecto e procedimento.

ESTRUTURA

Morfemas específicos

- Radical
- Vogal Temática
- Desinência Modo-temporal
- Desinência número-pessoal

FLEXÃO DAS FORMAS VERBAIS

- **Número**

*(O verbo admite flexão no **singular** ou no **plural**.)*

- **Pessoa**

(São três pessoas distintas: 1^a, 2^a. e 3^a.)

- **Modo**

(Indicativo, Subjuntivo e Imperativo)

- **Tempo**

(Presente, Passado e Futuro)

TEMPO SIMPLES DO INDICATIVO

- Presente
- Pretérito Perfeito
- Pretérito Imperfeito
- Pretérito mais-que-perfeito
- Futuro do Presente
- Futuro do Pretérito

TEMPOS SIMPLES DO SUBJUNTIVO

- PRESENTE
- PRETÉRITO IMPERFEITO
- FUTURO

IMPERATIVO:

- Afirmativo
- Negativo

VOZES VERBAIS

- **Voz Ativa**
- **Voz Passiva:**
 - Voz passiva analítica
 - Voz passiva sintética
- **Voz Reflexiva:**
 - Reflexiva
 - Reflexiva recíproca

INDICATIVO

- Maria acredita em Deus. (Presente)
- Ana comprou um carro novo. (Pretérito Perf.)
- Chico compunha canções de protesto. (Pretérito Imperfeito)
- Quando cheguei, o inspetor entregara as provas há 2 minutos. (pretérito perf./pret. mais-que-perfeito)
- O governo confirmará o aumento do IPI na próxima semana. (Futuro do presente)
- Ele entenderia o problema se tivesse comprado o mesmo produto. (futuro do pretérito)

SUBJUNTIVO

- Ainda que você compreenda a situação, sei que é difícil aceitá-la. (Presente)
- Se fosse possível, correria pra bem longe daqui. (Pretérito Imperfeito)
- Quando fizer o seu dever, poderá sair com os amigos. (Futuro)

Vozes

- O policial efetudou o disparo. (voz ativa)
- O motorista foi multado pelo policial. (voz passiva analítica)
- Vendem-se casas. (voz passiva sintética)
- A criança feriu-se. (voz reflexiva)
- Os torcedores rivais agrediram-se antes da partida. (voz reflexiva recíproca)

O verbo “for”

Vestibular de verdade era no meu tempo. Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroas. (...)

O vestibular de Direito a que me submeti, na velha faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha de se virar por fora. Nada de cruzadinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem à carreira. Tudo escrito tão ruibarbosianamente quanto possível, com citações decoradas, preferivelmente. (...)

Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse professor da Escola de Administração da Universidade Federal

da Bahia e me designassem para a banca de português, com prova oral e tudo. Eu tinha fama de professor carrasco, que até hoje considero injustíssima, e ficava muito incomodado com aqueles rapazes e moças pálidos e trêmulos diante de mim. Uma bela vez, chegou um sem o menor sinal de nervosismo, muito elegante, paletó, gravata e abotoaduras vistosas. A prova oral era bestíssima. Mandava-se o candidato ler umas dez linhas em voz alta (sim, porque alguns não sabiam ler) e depois se perguntava o que queria dizer uma palavra trivial ou outra, qual era o plural de outra e assim por diante. Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu, carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra “for” tanto podia ser o verbo “ser” quanto o verbo “ir”. Pronto, pensei. Se ele distinguir qual é o verbo, considero-o um gênio, dou quatro, ele passa e seja o que Deus quiser.

- Esse “for” aí, que verbo é esse?

Ele considerou a frase longamente, como se eu estivesse pedindo que resolvesse a quadratura do círculo, depois ajeitou as abotoaduras e me encarou sorridente.

- Verbo for.

- Verbo o quê?

- Verbo for.

- Conjugue aí o presente do indicativo desse verbo.

- Eu fonho, tu fões, ele fõe – recitou ele, impávido. – Nós fomos, vós fondes, eles fõem.

Não, dessa vez ele não passou. Mas, se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do Ministério da Administração, numa equipe econômica ou aposentado como marajá... JOÃO UBALDO RIBEIRO. Estado de SP, 1998.